

Mare

Viva **semanário**

ENGOMADOS?



LAVANDARIA A SÊCO
RUA 19 N.º 370 - ESPINHO

DIRECTOR: NUNO BARBOSA ■ ANO XXV ■ N.º 1170 ■ ESPINHO ■ 11-01-01 ■ PREÇO: 100\$00 (IVA Inc.) parte pago

A PARTIR DE SETEMBRO

MERCADO MUDA DE ASPECTO

PÁG. 6



HISTÓRIA DA 'GAZETA' PÁG. 12

VEJA ONDE VOTA
NO DOMINGO PÁG. 10

IMAGEM VOLTOU
À TORRE DA IGREJA PÁG. 5



'Messias' encheu
a Igreja Matriz PÁG. 3

GAZETA D'ESPINHO

SEGUNDO FAC-SIMILE
NO INTERIOR DESTA
EDIÇÃO DO 'MV'



Mais uma farmácia para Espinho

Há alguns meses atrás o "MV" já tinha noticiado a possibilidade de criação de mais uma farmácia no concelho de Espinho. Recentemente, através da portaria n.º 936-A/99, de 22 de Outubro, o Governo alterou as condições para a instalação de novas farmácias, diminuindo o valor da capitação para 4.000 habitantes/farmácia por concelho, com o objectivo de "tornar os serviços farmacêuticos mais próximos e acessíveis aos cidadãos".

Assim, para o território nacional, excluindo a Região Autónoma dos Açores, serão criadas 320 novas farmácias, 20 das quais no distrito de Aveiro. Dentre essas, uma será criada em Espinho e oito em Santa Maria da Feira.

Assim, e em breve, o concelho de Espinho poderá ver aumentado o seu número de farmácias de oito para nove. ■

'Espinhenses' em festa

Os Bombeiros Voluntários Espinhenses vão comemorar nos próximos dias 20 e 21 o seu 73.º aniversário. No dia 20, as comemorações terão início pelas 9h com o hastear das bandeiras no Quartel e apresentação de cumprimentos aos B.V. Espinho, a que se segue a recepção às entidades convidadas, imposição de crachá de ouro e condecorações e sessão solene; pelas 12h terá lugar um des-

file apeado e motorizado, seguido de almoço oferecido às entidades convidadas.

No dia 21, pelas 9h15, terá lugar uma romagem aos cemitérios das freguesias, pelas 11h Missa solene na Igreja Matriz seguida de homenagem no cemitério de Espinho a todos os bombeiros que fizeram parte da Corporação. A terminar, pelas 13h, será a vez de um almoço convívio. ■

X Encontro concelhio de janeiros

No próximo sábado, dia 13, pelas 21h30, no Cine-Teatro S. Pedro, terá lugar o X Encontro Concelhio de Janeiro, uma habitual iniciativa da Câmara Municipal de Espinho.

O evento contará com a participação dos seguintes grupos: "Os Reginos", Rancho Regional Recordar é Viver, Coro da Capela de S. Vicente, Rancho Folclórico dos Altos Céus, Banda de Música de Espinho, Rancho Folclórico Santiago de Silvalde, Orfeão de Espinho, Grupo Cultural e Recreativo Semente, e Tuna Musical de Anta. Divulgar e incentivar todos os grupos que, no concelho de Espinho, se dedicam a recuperar músicas tradicionais de Natal, é um dos objectivos deste Encontro, que contará também com a colaboração de vários actores do Teatro Popular de Espinho da Cooperativa Nascente, que darão corpo a diversos personagens populares introdutórios das actuações dos janeiros participantes. ■

ELVIRA SILVA

ESPECIALISTA DE DERMATOLOGIA
E VENERELOGIA (DOENÇAS DA PELE)

CONSULTÓRIO: Rua 11 n.º 746 - Telef. 227343467

II Encontro de História Local

Conforme já noticiámos, está a decorrer no Centro Multimeios o II Encontro de História Local, subordinado ao tema "A História da Imprensa em Portugal". Ontem, quarta-feira, os temas tratados foram os seguintes: "Um industrial do papel na Gazeta de Espinho", por Maria José Santos; "A Imprensa em Vila Nova de Gaia", por Silvestre Lacerda; "Mudanças de século na Imprensa", por Luís Humberto Marcos; "A ideologia republicana na imprensa local de Anadia", por Rui Godinho; "A Imprensa especializada na 2.ª metade do séc. XIX", por Fátima Nunes; "Liberdade de imprensa na Monarquia constitucional", por Conceição Meireles Pereira, e "O papel e a Imprensa", por Jorge Fernandes Alves.

Hoje, quinta-feira, a partir

das 10h e até às 17h, serão tratados os temas seguintes: "A Gazeta de Espinho no seu contexto histórico", por Celso Almuíña Fernandez; "Manuel Laranjeira e o jornal 'O Norte'", por Eugénio Montoito; "Joaquim Pinto Coelho, ideólogo da Gazeta de Espinho", por Francisco Azevedo Brandão; "A Imprensa operária em Espinho durante a 1.ª República", por José Manuel Lopes Cordeiro; "A primeira grande Imprensa em Portugal (1864-1890)", por António Carmo Reis, e "Actividade económica em Espinho no início do século vista através da Gazeta de Espinho", por António Regedor.

Recorde-se que este encontro está inserido no programa de comemorações do centenário da "Gazeta de Espinho", que decorrem até ao final do mês. ■

Debate do PRUM

O Núcleo de Formação Profissional e criação de emprego do PRUM vai levar a efeito no próximo dia 19, pelas 21h, no Cine-Teatro S. Pedro, um debate informativo e pedagógico sob o tema "A alimentação e nutrição na infância". Nele intervirão os drs. Evans de Carvalho (pediatra), Carlos Leite (nutricionista), Alexandra Cardoso e Rosana Santos (psicólogas), para além de um representante da DECO - Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor.

O debate é dirigido a todos os pais de família, associações de pais, jardins de infância, auxiliares de acção educativa e estudantes do ensino superior em áreas relacionadas com o tema, e dará direito a um certificado de participação. ■

Imprensa regional em debate

É já no próximo dia 19, pelas 21 horas, no Centro Multimeios, que terá lugar uma mesa redonda subordinada ao tema "Imprensa Regional e Local - que desafios na viragem do século". Esta iniciativa da CME, integrada nas comemorações do centenário do surgimento da "Gazeta de Espinho", será moderada por Luís Costa, jornalista do "Público" e director de infor-

mação da "Rádio Nova", e contará com a participação dos jornais "Maré Viva", "Defesa de Espinho", "Jornal de Espinho", "Jornal do Fundão", "O Figueirense", "O Aveiro", "Terras da Feira", "Povo de Guimarães", "Trevim" (Lousã), "Região de Leiria", "A Nossa Terra" (Galiza), "Eco do Funchal", "Expresso das Nove" (Açores), "Comércio de Gaia" e "Primeira Mão" (Maia). ■

A coisa está preta! (II)

A iluminação pública em certas artérias da cidade está, cada vez mais, em petição de miséria. Ruas ou partes de ruas completa ou parcialmente às escuras, outras, à moda de Carlos Gardel, "a media luz", e outras ainda com candeeiros de luz intermitente, consoante a velocidade, maior ou menor, do vento. Isto para não se falar em artérias citadinas atavicamente con-

denadas a uma obscuridade tenebrosa, por serem pseudo-iluminadas por candeeiros em idade de, pelo menos, justa pré-reforma, para não irmos mais longe...

A (eufemisticamente?) chamada Electricidade de Portugal deveria ter mais cuidado com estas anomalias crónicas. É que o mau tempo, tenham santa paciência, não desculpa tudo. Nem pouco mais ou menos... ■



Quinta, 11 PAIVA - Rua 19 n.º 319 / Telef. 227340250
Sexta, 12 HIGIENE - Rua 19 n.º 393 / Telef. 227340320
Sábado, 13 GRANDE FARMÁCIA - Rua 8 n.º 1025 / Telef. 227340092
Domingo, 14 CONCEIÇÃO - Estrada de S. Tiago, Silvalde / Telef. 22731148
Segunda, 15 TEIXEIRA - Av.º 8 - C.C. Solverde / Telef. 227340352
Terça, 16 SANTOS - Rua 19 n.º 265 / Telef. 227340331
Quarta, 17 PAIVA - Rua 19 n.º 319 / Telef. 227340250



CASINO - DE 12/01 a 18/01



'AMAR EM NOVA IORQUE'



ESPINHO

Hospital 227331130
Centro de Saúde 227341167
C. R. Segur. Social 227341956
Clínica Costa Verde 227345885
Clínica N.S. d'Ajuda 227342695
Clínica S. Pedro 227344714
Policlínica 227342111
PSP 227340038
Tribunal 227342351
B.V. Espinho 227340005
B.V. Espinhenses 227340042
C.M.E. 227340020
Biblioteca 227340698
EDP (agência) 227348387
EDP (avarias) 800246246
Junta de Freguesia 227344418
CTT Rua 19 227330631/2
CTT Rua 32 227330661/3
CTT (C.D. Postal) 227340010
Registo Civil 227340599
Finanças 227340750
Tesouraria 227343730
CP 227346312

A. Viação Espinho 227340323
Táxis (Graciosa) 227340010
Táxis (Câmara) 227343167
R. Táxis C. Verde 227340118
R. Táxis União 227348017
R. Táxis Unidos 227342232
Táxis Verdemar 227343500

ANTA

Junta de Freguesia 227346453
Unidade de Saúde 227345810
Lar da 3.ª Idade 227344651
Farmácia 227341109

GUETIM

Junta de Freguesia 227344226

PARAMOS

Junta de Freguesia 227342710
Unidade de Saúde 227345001
Farmácia 227346388
Reg.º Engenharia 227342023
Centro Social 227342005

SILVALDE

Junta de Freguesia 227344017
Un. Saúde Silvald. 227343642
Un. Saúde Marinha 227343101



QUARTO MINGUANTE
Dia 16 de Janeiro



Dia da semana	PRAIA-MAR				BAIXA-MAR			
	MANHÃ		TARDE		MANHÃ		TARDE	
	Hora	Altura	Hora	Altura	Hora	Altura	Hora	Altura
11 QUI.	03.36	3.8	16.05	3.6	09.51	.3	22.03	.5
12 SEX.	04.23	3.8	16.53	3.5	10.40	.4	22.52	.6
13 SAB.	05.12	3.7	17.43	3.4	11.31	.5	23.42	.7
14 DOM.	06.03	3.6	18.35	3.2	-	-	12.23	.6
15 SEG.	06.56	3.4	19.31	3.0	00.34	.9	13.17	.9
16 TER.	07.55	3.1	20.35	2.8	01.32	1.1	14.18	1.0
17 QUA.	09.03	2.9	21.47	2.8	02.38	1.2	15.27	1.2

Maré

DIRECTOR Nuno Barbosa
REDACTORES Abílio Adriano, Carlos Humberto Cruz, Carlos Luís Gaio, Eduarda Ribeiro, Elda Ferreira, Elisa Silva, José Barrosa, Magda Guedes, Manuela Lima Barrosa, Marta Bigail, Rafaela Vieira Santos, Sandra Santos
FOTOGRAFIA Cassiano Soares
CARTOON Carlos Alberto
COLUNISTAS Alberto F. Camacho, Antero Monteiro, António Moreira da Costa, António Teixeira Lopes, Carlos Morais Gaio, Carlos Sárria, Carvalho Baptista, Correia de Araújo, Nunes Carneiro, Rita Maia Gomes, Victor Hugo Pinho
PUBLICIDADE Eduardo Dias
ADMINISTRADOR António Gaio
REDAÇÃO E COMPOSIÇÃO Rua 62 n.º 251 - 4500-366 Espinho
Telef. 227320377 - Fax 227346015 - E-mail: mare.viva@netc.pt
PROPRIEDADE E EXECUÇÃO GRÁFICA
NASCENTE - Cooperativa de Acção Cultural, CRL - Rua 62 n.º 251
4500-366 Espinho - Telef. 227341621 / 227344611 - Fax 227346015
N.º de registo de Pessoa Colectiva 500615268
TIRAGEM DESTA NÚMERO 1.500 exemplares
NÚMERO DE REGISTO DO TÍTULO 104499, de 28/06/76
DEPÓSITO LEGAL 2048/83

Membro da



Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores, podendo não reflectir, necessariamente, a opinião do Jornal.



Um país ôco

Está a implantar-se fortemente em Portugal um fenómeno que, para simplificar, designarei como o "culto do foleirismo". Os acontecimentos que mais discussão, direi mesmo, polémica provocam, nesta triste actualidade, são aqueles que não valem um chavo, que noutras épocas pouco mais seriam do que "fait-divers" daqueles que, tais como o velho chavão definidor de sondagens, valem o que valem. Mas autênticos "fait-divers" à francesa, e não os faitedaivers do inefável Telmo da casa da Venda do Pinheiro, ora fechada para obras de restauro para receber novos inquilinos.

Este país está a ficar vazio. De ideias, de vergonha (que sempre faz alguma falta), de sensatez. O que está a dar é o supérfluo, o ôco e o bacôco, o encher tempo e paciência com coisas troglodíticas, enfim, a cultura da vacuidade. E a culpa, neste caso, não morre solteira. Todos somos, uns mais outros menos, responsáveis por este vendável de ligeireza que assola o país. Claro que - todos sabemos, não há força para negar - os órgãos de comunicação, pelo menos alguns, têm a parte de leão neste tufão de imbecilidade. O que há tempos merecia um destaquezinho modesto mas à medida da real importância do facto, hoje ocupa páginas e páginas, tempos e tempos de antena. É a cultura da desmesura, do empolamento, do exagero. Mas, depois, quando confrontados com as chamadas de atenção, com as críticas, com as acusações, os "empoladores" defendem-se com um argumento irrefutável neste tipo de sociedade por que vamos passando: "Pois é, mas vende-se!".

Pois é. E contra isto, contra esta realidade tão acéfala como tão friamente correcta, economicamente falando, é difícil argumentar. As audiências comandam, de parceria conspícua com as tiragens. A noção de qualidade, de objectividade e, fundamentalmente, de rigor, diluiu-se, esvaziou-se, "escafedeu-se" como dizem os "telenovelistas" brasileiros. O rei e senhor desta sociedade mediatizada é, maioritariamente, o "fast food": o hambúrguer do escândalo, a pizza com recheio de nada, a cola que escorregue depressa. Tudo o que seja rapidamente consumido e que exija repetições cada vez mais sôfregas e frequentes. Qualidade? Mas o que é isso? O "quanto melhor, mais" só existe na cabeça de alguns "líricos" incapazes de perceber que o que prevalece é o "quanto mais, melhor". E o bom senso e o bom gosto que até foi "ingrediente" de polémicas no final do século XIX, está definitivamente enterrado, arquivado em prateleiras já a cheirar a mófo, "démodé".

São estes os interesses consagrados, assumidos, endeusados, pela maioria desta sociedade portuguesa entrada no século XXI. São estes os valores, são estes os seus cartões de visita. Para os escolher, quem quiser escolhê-los, claro, terá de fazer como se faz ao lixo - separá-los, para mais fácil reciclagem. Mas valerá a pena reciclar "isto"? ■ N.B.

"O que está a dar é o supérfluo, o ôco e o bacôco, o encher tempo e paciência com coisas troglodíticas, enfim, a cultura da vacuidade."

Lia do Amaral

LICENCIADA EM DIREITO • SOLICITADORA

Com atendimento de 2.ª a 6.ª feira das 9 às 13 e das 14 às 18 horas, com marcação

Rua 23, 344, 1.º, Sala E - 4500 Espinho - Tel./Fax 227321433

Concerto na Igreja Matriz

O "Messias" em grande estilo

Em véspera de Reis realizou-se pelas 21.30h, na Igreja Matriz de Espinho, o Concerto de Encerramento do Grande Jubileu.

A organização esteve a cargo da Câmara Municipal de Espinho e o programa, aliciante, constava da execução do "Messias" de Handel.

O facto de ser sexta-feira e o tempo estar um pouco instável, não foram motivos suficientes para a igreja não se encher por completo, até porque o concerto prometia...

Durante aproximadamente três horas o público deliciou-se com o "Messias" de Georg Frideric Handel, uma oratória em três partes que apresenta um carácter triunfante e majestoso, sensivelmente diferente do carácter patético das Paixões de Bach. Contudo, esta obra depois de sofrer algumas modificações ao longo dos tempos conseguiu ser uma das obras musicais mais populares e mais executadas em Concerto.

A direcção esteve a cargo do Maestro Eugénio Amorim, e a interpretação coube a Sílvia Correia Mateus (soprano), Anna

Fischer (alto), Rui Taveira (tenor), Paulo Ferreira (baixo) e o Coro da Sé Catedral do Porto. Na parte instrumental esteve o Musica Florea, Ensemble Barroco de Praga, com instrumentos antigos. O director artístico era Marek Stryncl.

No final, os aplausos eclodiram na igreja e fizeram com que "Hallelujah" fosse de novo interpretado e mais uma vez aplaudido.

José Mota faz um comentário final "é a prova de que em Espinho se faz cultura a alto nível e que tem uma população que gosta de cultura. Penso que foi um excelente concerto e estamos todos felizes por ter tido a oportunidade de assistir a um espectáculo tão bonito como este". E adiantou: "ao longo do ano estão já previstos muitos concertos, aqui na Igreja, no cen-

tro multimeios, no cineteatro S. Pedro e não está posta de parte a possibilidade de se realizarem concertos noutras igrejas do concelho;

pensamos que é extremamente importante que estes concertos se realizem de forma descentralizada, o mais próximo que for possível das populações". ■ E.F.



Uma Igreja cheia para um grande concerto



CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

AVISO

Rolando Nunes de Sousa, Vice-Presidente e Vereador com Competências Delegadas da Câmara Municipal de Espinho:

Faz público que esta Câmara Municipal, em sua reunião de 08 de Novembro, e a Assembleia Municipal, na 2.ª Reunião da 5.ª Sessão Ordinária, realizada no dia 29 de Dezembro do ano findo, deliberaram autorizar a desafecção do domínio público municipal para domínio privado municipal das áreas do subsolo para cave e sub-cave, e do espaço aéreo a partir do 2.º andar da parcela da Rua 21 delimitada na planta anexa ao Edital n.º 2/2001, datado de 03/01/2001, afixado no átrio dos Paços do Município e lugares do estilo.

Mais se torna público que quaisquer reclamações que o assunto possa merecer deverão ser apresentadas até ao dia 25 de Janeiro em curso.

Paços do Município de Espinho, 3 de Janeiro de 2001.

O Vice-Presidente e Vereador com Competências Delegadas
Rolando Nunes de Sousa

TISSOT PORTO
Edição Comemorativa

OURIVESARIA
Confiança

145.000\$00

1890

TEL.: 22 734 03 69

www.ourivesariacnfianca.com

TISSOT
SWISS WATCHES SINCE 1853

De vez em quando



CARLOS SÁRRIA

De 2000 para 2001

1. Que o mundo gira em torno de um neo-liberalismo selvagem cujo alvo é o lucro sem limites, em benefício de uma minoria, à custa ou em prejuízo das maiorias, é facto assente. Inegável. Era assim em 2000, continuará em 2001, ou será mesmo pior. Os seres humanos são os mesmos, os cordelinhos estão nas mãos dos mesmos.

2. De resto, isto traz-nos à lembrança as preocupações com as alterações climáticas, por mor do buraco de ozono, do efeito de estufa, etc., etc., como, desde há muito, vem sendo reconhecido e alertado pelos cientistas da matéria. Simplesmente, as medidas preconizadas não são aplicadas, porquanto não há vontade política, pois a preocupação maior vai para o custo económico das mesmas (os lobbies têm imenso peso) e, muito menos, para as consequências previsíveis para o nosso mundo e os seus seres humanos.

Mudou o ano, o século, o milénio. Não a mentalidade dos seres humanos.

3. A Suécia assumiu a presidência da U.E. nos primeiros seis meses de 2001. Os seus principais objectivos são a expansão para leste, novas directrizes em matéria de emprego e protecção do meio ambiente. Passam as presidências, continuam esquecidos os aspectos sociais. E entre os membros da U.E., por isso mesmo, há cidadãos de primeira e... de (para aí) oitava!

4. A UNICEF decretou 2001 como Ano Internacional da Infância. Perante o quadro do mundo dos nossos dias, com as crianças a serem as vítimas maiores (tal como os idosos) das atrocidades desencadeadas pelos seres ditos humanos, na sua tradicional e incontida ânsia do ter e do poder, o balanço final será, previsivelmente, desolador.

5. Nas provas de ciclismo tudo se desenvolve entre pelotões. O dos primeiros, depois os outros, conforme o valor. Portugal, na U.E., vangloria-se sempre de figurar no pelotão dianteiro do Euro. Nos outros, nos diversos sectores, onde figuram os principais países da U.E., em que seria essencial estarmos... nicles. Por isso, não é de admirar que, quando na U.E. os países já descem os preços dos combustíveis, aqui, sobem. Por estas e por outras estamos, continuamente, na cauda.

6. Assisti, em directo, ao jogo da segunda mão da final do campeonato brasi-

leiro de futebol, entre o Vasco da Gama e o São Caetano, impressionado com os graves incidentes que fizeram perigar a vida de mais de uma centena de espectadores. Mas o mais impressionante foi a posição (inqualificável!) de um dirigente prene de responsabilidades pelas várias posições que ocupa, no plano desportivo e noutros, ao pretender, naquelas circunstâncias, insensível aos dramas humanos, inclusivé à decisão do Governador do Rio de Janeiro (a voz mais sensata no meio daquela tragédia) continuar o encontro. Afinal, lá como cá (e continuo a bater na tecla), a grande crise do futebol é a falta de verdadeiros dirigentes. E de sensibilidade nos seres (ditos) humanos.

7. Os árbitros erram. Alguns mais do que o devido. Porquê? Não vamos por aí. Agora, são os únicos sem perdão. Os jogadores, ganhando fortunas, falham e são desculpados. Os dirigentes erram, as culpas pagam os erros, e são desculpados. Os árbitros ainda têm contra o facto de as imagens televisivas serem a nu os erros. E todos esquecem que eles têm dois olhos enquanto os "olhos" televisivos são muitos e estrategicamente colocados. O estranho é os dirigentes, com responsabilidades, sabendo que as imagens televisivas podem esclarecer muitas dúvidas, fazerem certas afirmações a quente para, depois, terem de "engolir", ao verem o vídeo. Passou-se no Felgueiras-FC Porto.

8. Na classificação de sempre dos campeonatos portugueses da divisão principal do nosso futebol, agora 1.ª Liga, verifica-se que o Sporting de Espinho, nas 67 edições e entre 66 participantes, esteve presente 11 vezes, figura em 27.º lugar, fez 354 jogos, obteve 96 vitórias, empatou 91 vezes, consentiu 167 derrotas. Marcou 336 golos, sofreu 523 tentos e conseguiu 292 pontos. As melhores classificações foram um 6.º e um 7.º lugares.

Isto, sem nunca ter tido um recinto a que se pudesse, verdadeiramente, chamar Estádio. Apesar de, desde 1972, altura da criação de uma comissão para o Estádio Municipal, se lutar pela concretização de um recinto digno do historial dos "tigres" e do prestígio da nossa cidade. De certeza, se o Sporting de Espinho tivesse o Estádio, "negado" há tantos anos pela insensatez de muito boa gente, não era, agora, o 27.º entre 66. Estava posicionado muito mais cá para cima. ■



ALBERTÓ CAMACHO

Retratos do último Natal do séc. XX

1. O fundamentalismo é uma doença infantil e, por isso, muito mais grave quando tida em idade adulta, isto é, fora do tempo. Falo da doença que atacou alguns residentes na localidade de Souselas e os conduziu, por vontade própria ou ao serviço do caciquismo paroquial, a transformar a frente da Câmara Municipal de Coimbra em mesa da ceia de Natal. Não duvido da seriedade que uns quantos habitantes da localidade cimenteira terão posto neste combate, mas acredito mais nos interesses não visíveis da cruzada que atrai a fúria noticiosa da medíocre informação nacional, sempre disposta a transformar o acessório em essencial e, principalmente, em alimentar o culto da pequena intriga e do escândalo de aldeia. Estará porventura alguém em Souselas convencido de que o sacrifício daquela ceia de Natal às portas do edifício da Câmara de Coimbra trará algum benefício? É tempo de pensar seriamente noutras formas de contestar...

2. Uma vez mais a quadra do Natal e os acidentes de viação nas estradas portuguesas. Ligações directas, GPS, milhares de homens no terreno, todas as forças da GNR de serviço, avisos aos condutores, informações constantes, conselhos, recomendações, ameaças. Tudo inútil como uma vez mais os números claramente indicam.

Não me agradam os resultados, mas também não me agrada continuar a ouvir de governantes e elementos da brigada de trânsito as banalidades que mais convêm a cada momento. Do que dizem, sou forçado a concluir que todos os acidentes são obra do excesso de velocidade e do exagerado consumo de álcool, ou de ambos. Não há uma só referência ao mau (péssimo) estado de algumas estradas, à inexistência de sinalização ou, ainda pior, sinalização enganosa, à péssima condução de alguns utentes da estrada, ao mau estado de alguns veículos, à falta de uma atitude pedagógica das autoridades policiais, mais vocacionadas para a repressão.

Finalmente, uma nota para o porta-voz da brigada de trânsito. Não tem de ser, necessariamente, o oficial de dia que dá informações. Exige-se é alguém que se exprima em português escorreito e que tenha

uma dicção clara e perfeitamente audível.

3. A Igreja católica é muito ciosa da sua área ministeriável e não gosta que ceifem no seu território. Contudo, não se coíbe de vir a público criticar com elevado vigor a política governamental, mesmo quando ela se expõe do modo como o actual governo o faz. O senhor Bispo de Coimbra fala em nome do povo com a mesma ilegitimidade que me leva a dizer que este País não é católico, mas fingidamente católico. Aborda a postura do Presidente da República com a destreza ambígua do malabarista, mas deixa-se inclinar para a direita, vocação histórica, ficando em posição de retomar o equilíbrio se a isso for obrigado.

Já o senhor Bispo do Porto havia saído dos seus aposentos para dignificar a coragem do senhor ex-ministro e ex-presidente da Câmara da cidade, num gesto de carinhoso apoio que, por certo, entenderia mal se fosse feito para dentro da sua autonomia episcopal. Eça morreu faz cem anos. Eça faz falta neste País.

4. Os habitantes de Reguengo do Alvela não colaboram com as várias televisões. Decididamente, os órgãos informativos querem noticiar tragédias, cheias, casas abandonadas, natais com famílias separadas, prejuízos incalculáveis, mulheres e homens desesperados, e, afinal, aquela gente está serena, não ameaça cortar estradas, nenhum dos ouvidos solicitou ao governo um subsídio e até acham que a cheia limpa os parasitas e fertiliza as terras. Convivem alegremente na tasca do Zé, jogam à sueca e bebem uns copos... Esta gente não merece os cuidados que as nossas televisões lhes dão. São uns ingratos.

5. Entretanto, o Ministro da Administração Interna sobrevoa as zonas afectadas pelas cheias e, ao aterrar, declara que está tudo sob controle e espera que a meteorologia seja positiva. Assim mesmo. Claro que nada está sob controle e, quanto aos sinais positivos da meteorologia, felizmente que hoje temos previsões com um elevado grau de certeza, que nos permitem dispensar os prognósticos pouco avisados do senhor ministro. ■

Lisboa, Natal de 2000

ASSINATURAS COM NOVOS PREÇOS

Ano novo, vida nova, diz-se. Assim sendo, o preço das assinaturas anuais do "Maré Viva", que estava em 2.800\$00, sofre já a partir deste mês um ligeiríssimo aumento, passando a ser de 3.000\$00. É, na realidade, uma "migalha" que até vem arredondar as contas. Estamos certos de que os nossos assinantes compreenderão. As assinaturas referentes a 2001 estão já em pagamento.

Dr. Vitor Hugo

MÉDICO DENTISTA

SAMS - S. QUADROS - C.G.D. - ACASA - P.S.P.

Rua 19 n.º 342, 1.º - Sala 4 - Telef. 227312770

ESPINHO

Fonseca

TECIDOS MODAS

RUA 19 N.º 275
TEL. 227340413
ESPINHO

Após longa ausência

Torre da Igreja de novo com imagem

Foi no passado sábado que a imagem de Nossa Senhora, regressou ao topo da Igreja Matriz. A imagem chegou a Espinho na 5.ª feira, foi colocada à porta da entrada principal da Igreja e na 6.ª feira, foi preparada para no dia seguinte ser colocada no local onde a antiga imagem esteve durante cinco décadas.

O "MV", foi falar com o pároco de Espinho, Padre Manuel Henriques Ribeiro, para saber mais coisas sobre o retorno da nova imagem de Nossa Senhora da Ajuda.

Numa curta conversa, o pároco de Espinho, num discurso directo, realçou que "a paróquia de Espinho tinha vários escultores à escolha, porque inicialmente eram cinco e optou-se por escolher o escultor Paulo Neves, porque após verificarmos o seu currículo, achámos que era a pessoa indicada para fazer este trabalho, que era de uma grande responsabilidade". Sobre Paulo Neves disse ainda "é uma pessoa honesta, um homem discreto e de grande categoria, que é de

Couto de Cucujães e que nos apresentou um orçamento que não era muito excessivo para o que foi feito, para além de já ter feito vários trabalhos por todo o país".

Importa referir, que o facto da imagem não ter vindo mais cedo para Espinho, não foi da responsabilidade do escultor nem da paróquia de Espinho, mas deveu-se a problemas burocráticos.

Mas o processo de substituição, não foi fácil, uma vez que tiveram de se efectuar vários testes, e ouvir vários pareceres técnicos, porque não se sabia como é que estavam as estruturas. Esses testes foram efectuados pelo engenheiro Alves Ribeiro que deu a total garantia de que a torre tinha as condi-



Os preparativos para a operação

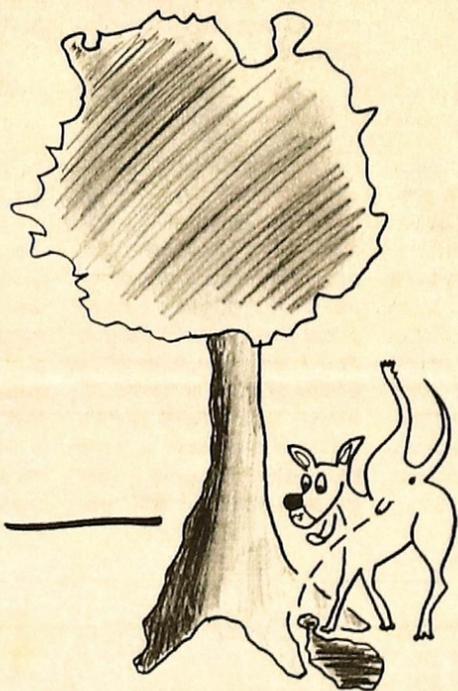
ções suficientes para poder suportar um peso de tal magnitude.

No que diz respeito aos custos da nova imagem, o pároco disse que "foi a paróquia de Espinho, única e exclusivamente, que pagou todos os custos da nova imagem, feita em granito, que pesa sete toneladas e tem cerca de 4 a 5 metros de altura. Até estar pronta demorou um mês, um mês e meio. A Câmara Municipal de Espinho não nos deu nenhum apoio financeiro".

Para celebrar o facto da imagem de Nossa Senhora estar de volta, antes de ter sido colocada na torre da igreja, teve lugar a sua bênção, após a qual esta foi colocada na torre e, pelo facto de pesar sete toneladas, foi solicitada a ajuda dos Bombeiros Voluntários de Espinho que deram preciosa colaboração através da utilização da sua grua.

De regresso a casa, a imagem de Nossa Senhora da Ajuda volta a fazer sorrir e a encher de orgulho todos os católicos e espinhenses em geral. ■ E. S.

O cartoon do Carlos



MARCA NO TERRENO
...SERA O INÍCIO DE ALGUMA PRÉ-CAMPANHA
ELEITORAL CANINA?

MARÉ
BAIXA

Cartão de visita



Mais um sugestivo cartão de visita da cidade a "embelezar" a esplanada, junto à praia.

Que nos têm a dizer os nossos autarcas acerca desta miserável vista? ■ C.B.

Indignação nas passagens de nível

Quantas vezes já esteve vários minutos à espera que um comboio passe para atravessar a passagem de nível? Quantas vezes esse comboio passou e as cancelas não abriram, porque minutos mais tarde passa outro comboio? E depois outro? E, num dia de azar, ainda passa outro? Pois é, às vezes as cancelas em Espinho só abrem depois de passar o quarto comboio, e o comum cidadão tem de

a sinalizar, depois de uma longa espera sem que o comboio passe, os carros acabam por passar a medo. Para além disso, o tempo de espera entre um comboio e outro é muito e dava perfeitamente para abrir e voltar a fechar as cancelas e ainda há vezes em que os comboios passam, as cancelas continuam fechadas e só passado cinco ou dez minutos voltam a abrir.

Outras cancelas que

tras cancelas e, se um carro for a passar no preciso momento em que a cancela fecha, leva com ela em cima.

Em conversa com alguns utilizadores destas problemáticas passagens de nível a opinião foi unânime, o sr. Soares garante que "para quem mora da parte de baixo da linha e tem que, várias vezes ao dia, a atravessar, é um tormento porque passa mais do que uma



esperar, por vezes vinte minutos ou mais para atravessar as cancelas.

Mas esta não é a única causa da indignação dos utilizadores das passagens de nível de Espinho. Por vezes, à noite, há máquinas a trabalhar nas linhas férreas de Esmoriz e as cancelas de Silvalde e Silvalde/Bairro-Piscatório estão fechadas durante horas. Há dias em que está uma pessoa a mandar os carros passar nas cancelas de Silvalde, mas mais à frente, nas cancelas de Silvalde/Bairro-Piscatório não há ninguém

são bastante problemáticas são as do "Vouguinha", porque fecham vinte minutos antes do comboio passar, o que causa o desespero de quem tem que esperar aquele tempo todo. Mas, também há quem se queixe de que as cancelas do "Vouguinha" não estão bem sinalizadas, porque há casos em que as cancelas fecharam, quase que batendo em carros que estavam a passar, ou seja, as cancelas quando vão fechar não são sinalizadas, não há sinais sonoros nem luminosos como acontece nas ou-

hora por dia à espera nas cancelas". Para outras pessoas, como a Margarida, as cancelas também são um pesadelo, principalmente quando "se está atrasado para ir para algum lugar e ainda se tem de esperar vários minutos nas cancelas, os nervos aumentam e apetece passar por cima das cancelas".

Apesar das várias tentativas telefónicas feitas com o intuito de esclarecer esta situação, nomeadamente saber as causas do problema, não foi possível falar com ninguém da REFER. ■ M.G.

Obras começam em Setembro

Mercado municipal vai mudar

O Mercado Municipal de Espinho está prestes a ser reabilitado. Após inúmeras queixas (mais que justificadas) quanto às condições do edifício, surgiu agora a oportunidade de se realizarem as tão desejadas obras de

Rolando de Sousa, vereador da Câmara Municipal de Espinho, admite que "já há vinte ou trinta anos que o Mercado estava a precisar de obras, nas as Câmaras anteriores não tiveram oportunidade de as levar a cabo. Nós começámos a equacionar a possibilidade de recuperar o edifício no ano passado, e abrimos um concurso". Por falta de condições financeiras, só no final de 2000 é que o projecto foi adjudicado e, diz Rolando de Sousa, "vai ser executado no primeiro semestre de 2001. As obras terão início no segundo semestre deste ano, lá para Setembro ou Outubro". O concurso foi ganho por uma empresa de Lisboa e o projecto deverá estar concluído dentro de três a quatro meses.

RECUPERAÇÃO DO EDIFÍCIO

Tal como nos explica Rolando de Sousa, "o projecto consiste em recuperar totalmente o edifício, mas mantê-lo tal como ele está, isto é, manter a fachada do actual Mercado". Esta será a primeira fase das obras já que, numa segunda fase, está programada uma alteração a nível da cobertura do edifício que passa também pela constru-



Mercado terá nova cara no início de 2002

ção de um novo piso entre a cobertura e o terrado. Há ainda a eventual possibilidade de ser feito um parque de estacionamento subterrâneo, mas esta é uma possibilidade que "ainda está em estudo, logo não é garantido que venha a ser realizada".

A duração das obras será aproximadamente de um ano e, durante este período de tempo, é natural que o comércio lá existente tenha de suspender a sua actividade. Rolando de Sousa diz que "uma das nossas preocupações é minimizar as eventuais dificuldades que qualquer obra deste género acarreta. É óbvio que estas obras causam prejuízos e, para se intervir naquele espaço, tem de haver um tem-

po de paragem".

No entanto, o vereador afirma que "estamos a equacionar o desenvolvimento do projecto e da obra em si, de forma a minimizar os eventuais prejuízos que possam ocorrer".

ORÇAMENTO DA OBRA

Quanto ao orçamento estipulado para este empreendimento, o projecto de reabilitação do Mercado Municipal, Rolando de Sousa reconhece andar "à volta dos cem mil contos, embora ainda não esteja totalmente estabilizado já que, só depois de se fazerem as medições é que é possível saber-se, exactamente, quanto é que vai custar a obra". ■ S.S.



VENHA CONHECER AS CONDIÇÕES QUE TEMOS PARA SI!

SEDE - PORTO • AGÊNCIAS - PORTO e GRIJÓ
ESCOLAS - PORTO, GONDOMAR, GAIA, SANTO TIRSO e
ESPINHO (RUA 19 N.º 448 - TELS. 227340848 / 227345955)

A VARINA

ESPECIALIDADES
ARROZ DE MARISCO, LULAS,
CALDEIRADA, BACALHAU, ROJÕES
E AS FAMOSAS PAPAS DE SARRABULHO

SERVIMOS PARA FORA

Rua 2 n.º 1269 - ESPINHO
Telef. 227344630

Bom café... é da

CASA ALVES RIBEIRO

da Rua 19, 294 - Espinho

tem fábrica própria

Baliza Restaurante
Churrascaria
Residencial

RUA 62 N.º 37 E RUA 8 N.º 471 (FRENTE À ESTAÇÃO DA CP)
TELEFS. 227340220 / 227340607 • 4500 ESPINHO

Devido à ausência de José Mota na sessão da AM

Discussão adiada

Vai ser na próxima terça-feira, dia 16 de Janeiro, que a Assembleia Municipal de Espinho se vai reunir para prosseguir com a ordem de trabalhos. Este adiamento surge no seguimento da apreciação da actuação da Câmara Municipal. A maior parte dos vogais presentes foi da opinião que não fazia sentido proceder a uma avaliação da autarquia se o seu representante máximo não estivesse presente.

A sessão da Assembleia Municipal de Espinho teve um desfecho inesperado. Na verdade, contra todas as expectativas, a mesa da Assembleia, conjuntamente com os vogais, decidiu adiar a ordem de trabalhos para o próximo dia 16 de Janeiro. As razões que levaram a este adiamento prenderam-se com o facto do presidente da autarquia, José Mota, não estar presente na reunião. De resto, o presidente da mesa da Assembleia, Carlos Gaio, assegurou ter marcado a sessão da assembleia sem consultar José Mota sabendo, mais tarde, que ele não podia comparecer.

Tudo começou com um ponto de ordem do vogal da

bancada social-democrata, Ferreira de Campos que se insurgiu contra o facto de José Mota estar ausente na noite em que seria discutida a prestação da Câmara e do presidente da edilidade ao longo do ano. O vogal frisou por diversas vezes o seu descontentamento, referindo já não ser novidade o absentismo do presidente da autarquia por motivos nem sempre concretos. Por isso, Ferreira de Campos exigiu "uma explicação cabal".

De imediato, o socialista Jorge Pina tomou da palavra explicando que entendia as razões de Ferreira de Campos, mas que toda a 'polémica' gerada em torno da ausência de José Mota se tratava de uma "mera

questão política", salientando a "importância de delegar funções. Neste caso, temos um vice-presidente que pode perfeitamente desempenhar as funções que lhe foram delegadas. Não vejo inconveniente em ouvir qualquer explanação da parte do senhor Rolando de Sousa", disse. Para além disso, Jorge Pina referiu ainda que José Mota poderia ter faltado devido a problemas familiares ou doença.

Por seu turno, a bancada comunista ergueu a voz através das palavras do vogal Rui Abrantes: "Não penso como o senhor Jorge Pina. Julgo que devemos adiar a sessão, até porque não se verificam nenhuma das situações de doença ou de problemas de ordem familiar. Nós sabemos que existe alguma fricção entre a Assembleia e o presidente, já que questionamos a sua ausência sistemática. Nunca se verificou a ausência do presidente da Câmara numa altura em que se vai avaliar as funções da Câmara Municipal de Espinho".

Neste momento, Carlos

Gaio esclareceu que "penso que não devo exigir do senhor José Mota explicações, nem lhe peço motivos concretos. Há uma confiança institucional", disse, fazendo um último reparo: "Sei que no mandato de 90-93, mais do que uma vez o presidente da Câmara esteve ausente neste período de apreciação".

De seguida foi a vez do vogal Correia de Araújo do Partido Socialista se mostrar a favor de adiar a sessão: "Comungo da opinião de Ferreira de Campos. Acho que este é um dos raros momentos políticos em que se pode questionar o presidente José Mota. Por outro lado, dá-me prazer interpellá-lo, porque eu gosto do nosso presidente da Câmara e espero que o mesmo aconteça com os senhores". Correia de Araújo ressaltou ainda que "é evidente que o senhor Rolando de Sousa está a par de tudo, não é isso que está em questão. Julgo que o bom senso da mesa levará a que os trabalhos passem para outra reunião".

Pegando numa das últi-

mas chegadas de Correia de Araújo, novamente o vogal Ferreira de Campos acrescentou sucintamente que "não está em causa a consideração que temos pelo senhor Rolando de Sousa".

Por fim, o presidente da mesa, Carlos Gaio concluiu dizendo não estar contra a sua sugestão de Correia de Araújo, mas "também há outros momentos políticos igualmente importantes que acontecem sempre que a Assembleia delibera, aprova...". De seguida, Carlos Gaio seguiu a vontade da maior parte dos vogais e adiou a Assembleia para a próxima terça-feira, dia 16 de Janeiro.

APROVADOS NOVOS ESTATUTOS DA LIPOR

Contudo, antes da sessão ser adiada ainda foram discutidos os novos estatutos da Lipor. Assim sendo, os vogais presentes questionaram o engenheiro Manuel Rocha que faz parte, por inerência, da direcção da Lipor.

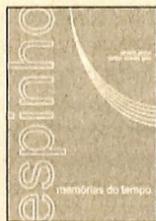
O vogal da bancada da CDU, Rui Abrantes foi um dos poucos a questionar

Manuel Rocha acerca das suas dúvidas. Uma delas foi saber se se iria modificar a natureza dos estatutos ou se era somente um problema da Assembleia aprovar, ou não. Manuel Rocha desfez as dúvidas considerando que todos os outros municípios associados à Lipor já tinham dado a sua aprovação, pelo que só faltava a Espinho aprovar ou não.

Jorge de Carvalho (CDU) imediatamente foi adverso a este posicionamento, salientando que "esta não é uma crítica nem à mesa, nem à Câmara Municipal de Espinho, mas sim à Lipor. Sendo os estatutos do interesse de todos, seria interessante que fizessem uma consulta prévia. Seria uma atitude muito mais democrática e razoável", sublinhou, avisando que "na próxima vez que se pensar em alterar os estatutos, a Lipor deve fazer um texto para nós analisarmos previamente. Só assim se justifica a nossa actividade".

De seguida, e sem mais delongas, os novos estatutos da Lipor foram aprovados por unanimidade. ■ R.V.S.

PRIMEIRO LANÇAMENTO DAS EDIÇÕES 'MARÉ VIVA'



'ESPINHO - MEMÓRIAS DO TEMPO'

de
Alberto Pinho e Carlos Morais Gaio

À VENDA NAS LIVRARIAS
E QUIOSQUES DE ESPINHO

E NA COOP. NASCENTE, RUA 62 N.º 251 (SÓ PARA SÓCIOS)

Uma edição do Jornal 'Maré Viva' com o patrocínio da Junta de Freguesia de Espinho

Carta para António Moreira da Costa

Meu caro,

A tua alusão, de excelente recorte humorístico, à velha Misericórdia, e a referência a dois nomes prestigiados da nossa terra, prestigiados como profissionais e como cidadãos inteiros e íntegros, atira-me para este pequeno texto que, espero, possa contribuir para a memória do velho edifício de cúpulas gémeas da Rua 8.

Um fim de tarde invernos, andava eu pelas carteiras da terceira classe na Escola da Tourada, agitava-me desenfreadamente num "pilha-de-salvar" ali pelo mágico quarteirão da minha rua dezoito, junto ao cruzamento da quinze, quase em frente à oficina das bicicletas do senhor António. Numa finta mais arriscada a um adversário que me queria "pilhar", tropecei nos paralelos arrebitados da calçada e voei até ao passeio, onde bati com o joelho esquerdo na aresta impiedosa que me cortou até à rótula. Nunca mais vi nenhuma rótula, e fui aos gritos para casa segurando o formidável rasgão. Ia atravessado pelo pânico.

Depois, foi a agitação familiar que acompanha os ferimentos das crianças e a corrida até à Misericórdia. Uma vez chegado ao velho edifício, entregaram-

me aos cuidados de um jovem médico que me conhecia bem e que eu tratava por Quim Moreira. O resto são procedimentos que tu conheces, sempre com a presença da minha Avó que quase gemia cada vez que a feroz agulha violava as carinhas tenras do neto.

Seguiram-se longos meses de tratamento, os curativos, como se dizia na altura, até que um dia o teu Pai disse: "Pronto, Bé, estás curado." Anos mais tarde, encontrei o Quim Moreira, creio que na Piscina, e mostrei-lhe a horrenda cicatriz que me acompanha, dando testemunho da minha participação activa em jogos de infância. "Lembra-se disto?...", perguntei com o sorriso jocosos do desafio. "Oh, pá", respondeu o então diferenciado cirurgião. "nunca digas a ninguém que fui eu quem te fez isso." Juro que é a primeira vez que conto em público esta gloriosa história do meu joelho esquerdo.

Guardo do teu Pai esta esplêndida história e guardo ainda outras cicatrizes do homem vertical, digno, leal e franco que um dia me coseu o joelho na velha Misericórdia.

Um abraço do
A.F. Camacho



O 'MARÉ VIVA' HÁ 20 ANOS

RAFAELA VIEIRA SANTOS

A Casa da Cultura, os lucros dos mercados e Montalegre para sul

À semelhança do que vem sucedendo nestas semanas, também há 20 anos atrás a Câmara Municipal de Espinho se afadigava em torno das Assembleias Municipais. Sendo assim dois assuntos estiveram na berlinda: uma Casa de Cultura e os dinheiros da feira e dos mercados. Acerca da Casa da Cultura: "encarregado o vereador das obras Marçal Duarte e respectivo departamento técnico da Câmara de estudar o aproveitamento do terreno onde está instalado o Centro de Saúde e que, segundo uma opinião anterior do executivo, deveria prever a Casa da Cultura de Espinho, a Câmara viu-se agora perante um estudo de Marçal Duarte que não prevê ali a instalação da Casa da Cultura (há outras hipóteses, segundo disse) mas sim um aproveitamento em termos de rendimento, com habitações, escritórios, etc. Os vereadores ficaram de estudar melhor este estudo, mas entretanto parece que, quanto à Casa da Cultura, por mais algum tempo, estamos conversados...".

No que toca, então, aos dinheiros da feira e mercados "cerca de 5.530 contos foi quanto o município arrecadou em 1980 pela exploração da feira semanal, o que representa um acréscimo de cerca de 90 contos em relação ao ano anterior. Aumento muito pouco significativo, com efeito, mas que se compreenderá se se tiver em conta que as taxas não foram aumentadas, nem a área sofreu ampliações significativas. Já os mercados, que renderam cerca de 1.137 contos, registaram um aumento substancial de 341 contos, justificados quer por uma melhor gestão, quer pela abertura do mercado da lota".

Como forma de elucidar a população sobre a pobreza vigente o 'MV' descreveu um caso da vida real: "Há dias num centro comercial das cidade, duas mulheres e quatro crianças pediam esmola a quem passava. Levadas à esquadra da PSP por um agente desta corporação, foram identificadas e apurou-se serem de Montalegre. Uma delas viúva; a outra casada com um trabalhador das Minas de Borralha, impossibilitado de trabalhar por motivo de doença. Tinham metido pés ao caminho pedindo nas terras onde iam passando, forçadas pela fome e falta de dinheiro. Como é usual nestas casos foram entregues à delegação local do I.F.A.S., onde, também como é costume, lhes foi dado o necessário dinheiro para o regresso a Montalegre. Atendendo ao mundo em que vivemos, este caso seria, infelizmente, normal. Mas acontece que no passado fim de semana um graduado da PSP de Espinho teve, por motivos particulares de se deslocar a Coimbra. De regresso para cá e ao chegar a S. João da Madeira viu, caminhando pela berma da estrada rumo ao sul, as duas mesmas mulheres e seus filhos. Montalegre, para elas, tinha mesmo ficado para trás. Casos (tristes) do quotidiano".

Maré-Rua

Eleições presidenciais

Vai votar? Porquê?

ALBERTO PEREIRA 31 anos, professor

Eu vou votar, porque é um dever cívico que temos e que acho que deve ser cumprido e, além do mais, se queremos melhorar o nosso país, se queremos que o nosso país seja governado por alguém com capacidades para tal, temos que ser nós a escolhê-lo, nós temos esse di-

reito e temos que usufruir dele.

MARIA JOÃO ALMEIDA 23 anos, estudante

Sim, vou votar, porque é um dever meu como cidadão e, para poder melhorar o país acho que devo contribuir com o meu voto, que me dará mais tarde a liberdade de poder criticar a actividade do Presidente da República.

MANUEL OLIVEIRA 41 anos, emp. de mesa

Eu por acaso até vou votar, mas neste género de eleições, eu até nem gosto nada de votar, porque toda a gente já sabe quem é que vai ganhar, que neste caso até é o Jorge Sampaio. Eu acho que quando é tudo previsível, já não tem piada.

MARIA DE FÁTIMA ANDRADE 46 anos, doméstica

Eu vou votar como sempre fui, nunca falhei uma eleição e não vai ser desta vez. Agora não me pergunte em quem é que eu vou votar, porque o voto é secreto e eu não vou revelá-lo.

JOAQUIMALVES 54 anos, serralheiro

Eu vou votar, mas posso dizer que vou votar sem a mínima vontade, porque toda a gente já sabe quem é o Presidente da República, a mudança não vai acontecer agora. Mas, acho que votar é um dever que todos os cidadãos devem cumprir.

ADELINA GOMES 71 anos, reformada

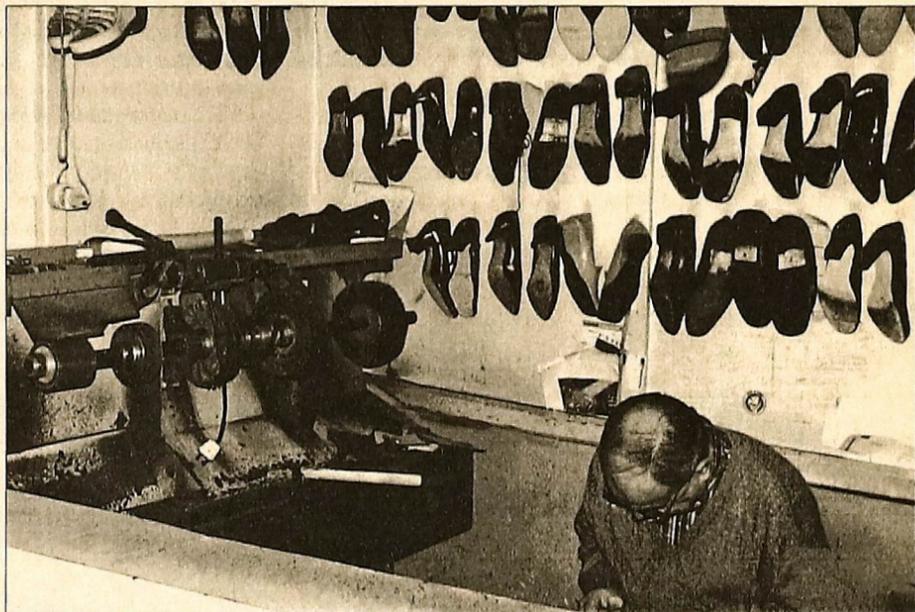
Olhe, eu vou votar, porque acho que como somos cidadãos portugueses, todos devemos votar e, para além disso eu gosto muito do Dr. Jorge Sampaio e acho que ele que merece ganhar, por isso sinto-me no direito de votar nele. ■ M.G.

Como vai o negócio... ...nos sapateiros?

Desta vez, o Maré Viva deslocou-se até aos sapateiros da nossa cidade, nomeadamente Serafim Dias Coelho, Manuel Gomes Moleiro e, por fim, António Santos Cunha proprietário do estabelecimento "Sapataria 33".

Quando inquiridos relativamente a "como vai o negócio", as opiniões dos nossos entrevistados dividiram-se. Enquanto que António Cunha e Serafim Coelho dizem que "não está nenhum mar de rosas", Manuel Moleiro é da opinião que - "há sempre trabalho desde que queiramos trabalhar".

Neste ramo de negócio, segundo Manuel Moleiro, os meses do ano em que há menos trabalho são Janeiro e Fevereiro, uma vez que, devido ao Natal as pessoas já não têm dinheiro, e também o mês de Agosto pois -



"os clientes estão todos de férias", sendo os restantes meses equilibrados. Já relativamente aos dias da semana, apesar de serem todos bastante regulares, aqueles que por vezes são

mais movimentados são a sexta-feira e o sábado. Segundo os nossos entrevistados desta semana, este é um negócio já excessivamente explorado em Espinho, e cuja importância tem

vindo a diminuir. Os sapateiros são frequentados por pessoas de todas as classes sociais, desde os quinze anos até aos setenta ou mais. Basta ter problemas nos sapatos ■ E.R.

Armações
Lentes de Contacto
Óculos de Sol



MARCAMOS CONSULTAS PARA MÉDICO OFTALMOLOGISTA

EXIJA OS CUIDADOS DE UM PROFISSIONAL
OS SEUS OLHOS VÃO VER A DIFERENÇA

TESTE DE VISÃO GRATUITO

Ângulo das Ruas 21 e 18 - Tel. 227330990 - ESPINHO

ÂNGELO GOMES

PRÓTESE DENTÁRIA

Rua 14 n.º 611
4500 ESPINHO

Telefs.

Laboratório 227342877
Residência 227343385

Francisco de Oliveira

SOLICITADOR

ESC.: Rua 19 n.º 405 - 2.º C
Tel. 227320680
RES.: Rua Padre Sá n.º 201
Paramos - Espinho
Tel. 227345190

RUI
ABRANTES

ADVOGADO

Rua 18.º 582 - 1.º Esq.º
Sala 3 - Telef. 227343811
ESPINHO

C H A V E

Acertamos todos
os tipos de chaves

- Reparação e montagem de fechaduras
e cofres
- Abrimos todo o tipo de portas e viaturas
- Fechaduras de alta segurança

Rua 8 n.º 963 - Espinho
Telef. 227322952 - Telem. 919777977

CASA ALVES
RIBEIRO

da Rua 19, 294 - Espinho
tem dos maiores sortidos
do país em Vinhos do
Porto datados, correntes,
de mesa, Aguardentes
Velhas e Whiskies

ALBUQUERQUE PINHO
FILOMENA MAIA GOMES
ADVOGADOS

ESCRITÓRIOS
Rua Júlio Dinis, 778 - 4.º Dt.º
Telef. 22698704 - 4000 PORTO

Rua 19 n.º 343 - Tel. 227342964
4500 ESPINHO

Óptica PIRES

Melhor
É Impossível

RUA 14 N.º 725
4500-233 ESPINHO
TEL. 227340296 - FAX 227311663

Entrevista com Antero Monteiro

Ler poemas como quem lança um balão de ensaio

Com o encerramento previsto da Livramar, o MV decidiu analisar todo o movimento cultural paralelo a esta livraria espinhense, nomeadamente a "Onda Poética", e uma nova vaga de autores que foram lançados nesta livraria, quer em edições de autor, quer pela mão da Elefante Editores – órgão editorial cujos lançamentos se têm vindo a realizar desde o seu início na referida livraria.

Assim, o MV foi falar com Antero Monteiro, professor de Português do 2º ciclo do ensino básico, que foi lançado numa edição de autor apresentada na Livramar, tendo publicado outras obras de igual sucesso com a chancela da Elefante Editores, é desde o começo da Onda Poética o seu dinamizador e a sua principal face fora de portas, tendo, paralelamente, também como 'diseur' um longo percurso pelas rotas poéticas do Grande Porto.

MV: Como encara este movimento que se gerou à volta da Livramar, da Elefante Editores e da Onda Poética e que lançou poetas, "diseurs", etc?

AM: Tratou-se de um núcleo cultural que desenvolveu iniciativas de vulto tendo como centro os livros e cujo papel não se pode ignorar nesta cidade, tanto mais que teve bastante projecção muitos quilómetros em redor. Pela Onda Poética passaram jovens e menos jovens, estudantes e professores, poetas, diseurs e outros amantes da poesia, de muitas zonas do país: Porto, Gaia, Feira, Ovar, Gondomar, Póvoa do Varzim, Lisboa, Eriçeira, Condeixa-a-Velha, etc. E se muitos vieram de fora até nós, também a Onda Poética foi chamada a deslocar-se e a actuar noutras localidades, como S. Paio de Oleiros, Gondomar, Porto, etc.

MV: Como é que começou a Onda Poética? Qual a importância da Onda Poética como factor de promoção da poesia?

AM: Com a abertura da Livramar e da sua galeria de arte, a cidade ganhou um espaço fabuloso para todo o tipo de iniciativas culturais, para além da possibilidade do contacto com bons livros e da sua aquisição: tertúlias, jogos, utilização da Internet, associativismo, conferências, palestras, debates, apresentação de livros e de autores, sessões de autógrafos – é impossível enumerar tudo o que ali se realizou.

Como é impossível calcular, agora, as perdas que o encerramento da livraria comporta... Foi na sequência da apresentação do meu primeiro livro, se não estou em erro, que se alvitrou a realização de uma tertúlia poética mensal. A ideia era mesmo promover o livro para apoiar a Livramar e, concomitantemente, divulgámos a poesia e os poetas (privilegiando sempre os espinhenses), a música e a arte em geral e demos espaço e tempo de antena a quem quis exprimir-se poeticamente ou de outras formas. Creio, todavia, que fomos nós, os poetas, os diseurs e os fiéis da Onda Poética que ficámos com uma dívida incalculável, pelo quanto a Livramar no proporcionou. Uma tertúlia é um factor de socialização, é uma forma sadia de ocupação dos tempos livres e, para os poetas, é também um espaço de sondagem, onde se lêem poemas como quem lança um balão de ensaio. É talvez a melhor maneira de sabermos se os leitores irão gostar daquilo que escrevemos ou se o melhor será lançá-lo já no cesto dos papéis.

MV: Qual foi o seu papel durante estes quase três anos de 'Onda Poética'? E de que forma isso foi gratificante e aliciante?

AM: Todos ali são importantes: desde os que lêem ou dizem poemas aos que ouvem, o que significa que, embora a Onda Poética não seja um espectáculo, mas uma partilha, tem uma plateia mais ou menos fiel. Importante é quem cedeu o espaço e tudo fez para que as tertúlias tivessem um ambiente acolhedor: a Livramar. Importante foi que os poetas tivessem perto o ouvido atento de um editor, que lançou alguns deles. O meu papel específico foi talvez de extensão da minha qualidade de professor: tive a felicidade de ver passar na Onda vários alunos meus e tentei apoiá-la o máximo com o pouco que sei e com todo o amor que tenho à poesia desde a

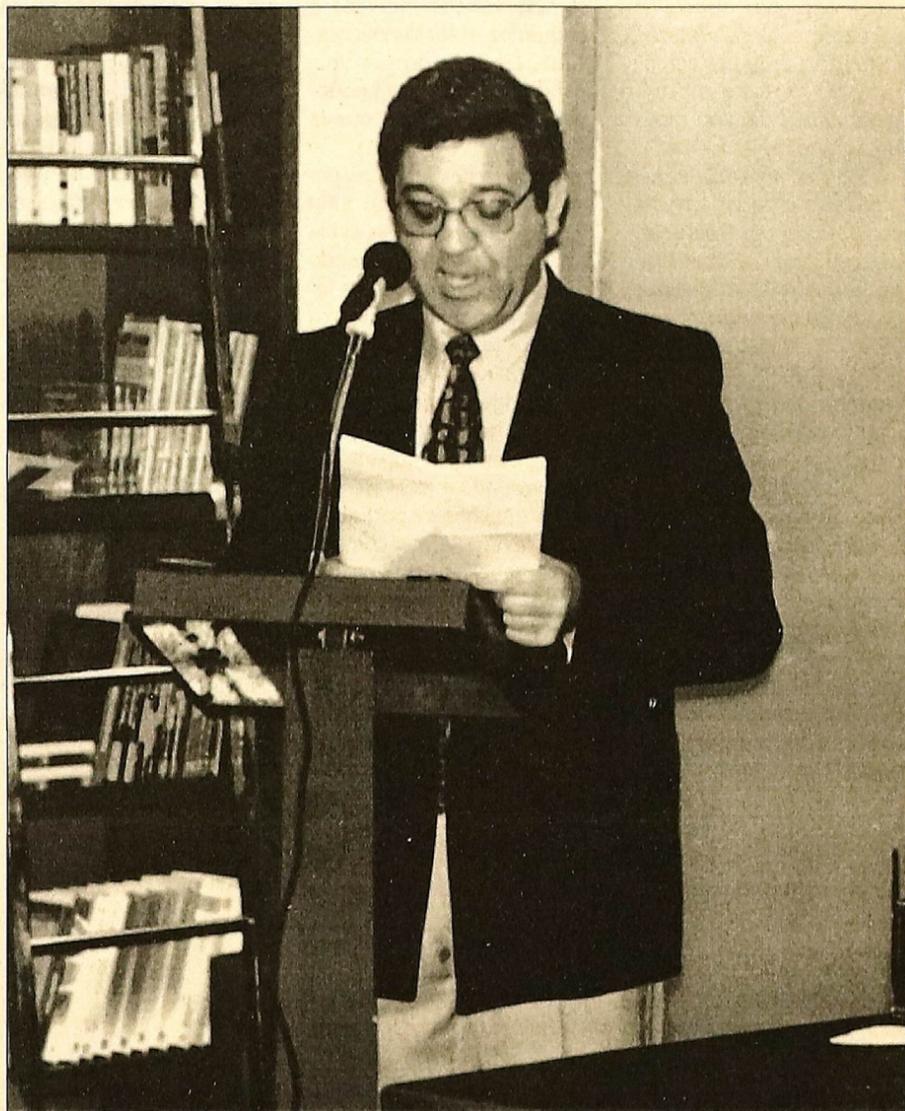
adolescência. A partir de certa altura senti que muita coisa girava naturalmente à minha volta, mas o certo é que ninguém terá aprendido ali mais do que eu, não só pelo quanto tive que investigar e estudar, mas também pelos inúmeros contactos que estabeleci com jovens (e foram tantos e tão entusiasmantes!), com declamadores, com autores e com as suas obras. O gozo está, muito mais do que no renome literário, na descoberta dos outros e do mundo da poesia, na aprendizagem permanente e nas amizades sem conta que tenho angariado.

MV: Como analisa cada um dos poetas da Onda Poética que apresentaram os seus livros (lançados pela Elefante Editores ou com edições de autor)?

AM: Os livros dos poetas que colaboram na Onda Poética foram maioritariamente lançados numa colecção que se designou de uma forma feliz por "Clássicos do Futuro". À excepção do poeta Edgar Carneiro, autor de uma dúzia de livros reconhecidos pelos críticos como obras de grande qualidade, os outros editaram as suas primícias literárias, numa louvável e rara aposta de uma editora em gente desconhecida. Conheci a escrita de Rui Miguel Rocha antes do seu primeiro livro e verifiquei os espantosos saltos qualitativos que ele deu até à publicação dessa obra e daí até à segunda. O Rui, tenho a certeza, com aquela profundidade e apuro que já atingiu, vai mesmo ser um clássico no futuro. Quanto à colega Manuela Correia, ainda que apresente características bem diferentes, surpreendeu-me pelo domínio e graciosidade da forma e pela poeticidade do seu conteúdo. Vão ser dois casos sérios na nossa literatura, desde que ambos venham a ser mais divulgados.

MV: Que balanço faz da Onda Poética? Quais os pontos altos e os pontos fracos?

AM: Creio que já referi à sociedade os pontos fortes da Onda Poética: aprendizagem recíproca, sociabilidade, amizade, companheirismo, experimentalismo, empenhamento num projecto comum, promoção do livro, da leitura e da escrita, preenchimento útil das horas de ócio... É evidente que a Onda Poética tem também os seus aspectos menos con-



seguidos: não conseguimos ainda organizar-nos a sério como associação, nem dispomos de capacidade financeira para alargar as nossas iniciativas; temos também alguma dificuldade em reunir todos os colaboradores na preparação das sessões e, finalmente, nem todos nós somos grandes leitores ou diseurs. Somos, sim, grandes amantes da poesia...

MV: Qual o futuro da Onda Poética?

AM: Com o encerramento previsto da Livramar, a Onda Poética, que a ela sempre esteve tão intimamente ligada, vê-se ameaçada pelo menos nos seus fundamentos materiais. Não parece ao grupo que seja legítimo prosseguir com essa designação e, por isso, já foi deliberado constituir-se outra tertúlia com nome diferente (em estudo), ainda que com os mesmos objectivos de promoção da poesia e dos poetas. Não se encontrou ainda um espaço alternativo para o futuro, embora a próxima sessão do dia 5 de Janeiro se vá efectuar provisoriamente nas instalações da antiga Biblioteca Gulbenkian,

no 2.º andar do mesmo edifício de "O Nosso Café". Vamos aguardar que tudo se defina, mas o grupo não irá certamente desagregar-se, mesmo que tenhamos que reunir a tertúlia em espaços provisórios ou, se Espinho encolher os ombros, até fora do concelho. O amor à Poesia continuará a unir-nos acima de tudo, independentemente das fronteiras e das dificuldades.

MV: Qual é, para si, o papel de um movimento destes em Espinho? E em que medida pode ser apoiado?

AM: Creio que esta cidade, se lembrar da sua história e das suas tertúlias dos finais do século XIX / inícios do século XX, em que pontificaram nomes como os de Manuel Laranjeira ou Miguel de Unamuno, compreenderá bem o papel cultural desempenhado pela Onda Poética ou por uma sua congénere. É uma questão de ressurgimento e de salvaguarda de um património riquíssimo. Não é exagero dizer que a Onda Poética é já uma referência cultural do Norte do País e que, graças a ela, muita gente oriunda de ou-

tras zonas, se tem afeiçoado mais e mais a esta cidade. É por isso que é lícito pensar que a autarquia vai reconhecer o trabalho até agora desenvolvido e apoiar a nova tertúlia nalguns aspectos essenciais à prossecução dos seus objectivos: um espaço alternativo e decente e alguns apoios financeiros para que seja possível concretizar minimamente o seu plano de actividades, do qual consta, por exemplo, a realização de um 1.º Encontro de Poetas e Diseurs em Espinho.

MV: Que mensagem ou apelo gostaria de deixar aqui?

AM: A Onda Poética foi espaço e tempo de liberdade e uma permanente mensagem de fraternidade e de respeito pelas diferenças. Diz-se que os poetas são diferentes e o soneto de Florbela afirma que sê-lo é *ser mais alto*. Seria bom que a Humanidade, ao inaugurar um novo ano, um novo século e um novo milénio, fosse capaz de ouvir a voz dos poetas que desde sempre reivindicaram um mundo diferente e mais elevado. ■ C.L.G.

A capital do Namibe

Namibe é uma bela cidade mais ou menos do tamanho de Espinho, a necessitar que as suas cores sejam revitalizadas. Também é bordejada pelo mar e as ruas são paralelas e perpendiculares ao mesmo. Jardins, jardim botânico, parque infantil, mercado coberto, quartel de bombeiros (sem viaturas), fortaleza, parque de campismo junto ao mar e uma marginal aprazível, são motivo de agrado geral.

Porém, por razões já expostas, é uma cidade pouco movimentada durante o dia, uma vez que o seu parque comercial está reduzido a quase nada, devido também ao débil poder de compra da população. O Namibe, infelizmente, não vive, sobrevive como só os angolanos sabem sobreviver. Não há fome e as roupas, embora parcas, têm cores alegres que emprestam a toda aquela gente um gosto pela vida que faz inveja a muitos povos bem mais abastados. Não fui capaz de perceber como conseguem ter meia dúzia de tostões para comer uma bucha ou beber um copo. O

certo é que todos os dias se divertem em actividades baratas mas que os encantam. A avenida marginal, à noite, assemelha-se muito bem à nossa Avenida 2 em noites de verão. Enche-se de gente, principalmente de jovens que passeiam ao longo de pequenas lojas que vendem comida variada, bebidas e pequenos objectos decorativos. De quando em vez, dançam à frente de pequenos conjuntos que por lá aparecem.

São gente pacífica e, por isso, a noite decorre sem quaisquer problemas, o clima ajuda, e assim, quando dão por ela, já o sol se levantou e então regressam a casa. Hoje, melhor que nunca, toda esta gente e os seus dirigentes perceberam que têm necessidade de ser ajudados na luta que travam por uma vida melhor e a sua preferência pelos portugueses é invocada sem complexos. À medida que vêem outras nações avançar e ocupar espaços estratégicos para o desenvolvimento de Angola, segredam-nos que não deixemos que isso aconteça e que coloquemos algumas estacas a marcar

terreno, porque amanhã será tarde. No entanto, verifico que Portugal cada vez conhece menos as suas ex-colónias e vai deslocando o centro de gravidade dos seus interesses para outras paragens mais cómodas mas menos consentâneas com o nosso portuguesismo. O futuro dirá onde está a razão.

Para concluir, direi que o Namibe possui argumentos aliciantes para, apesar da guerra em Angola, despertar o interesse de quem quiser contribuir para o seu desenvolvimento sustentado. ■ **ARMANDO JACINTO**

Para completar o trabalho que publicámos sobre a região do Namibe, da autoria do Coronel Armando Jacinto, faltava apenas a referência à capital da região, a cidade do Namibe. Por absoluta falta de espaço na nossa edição anterior, publicamos hoje esse trabalho referente à cidade do Namibe ora geminada com a cidade de Espinho.



ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

Onde votar

Para exercer o seu direito de voto para as eleições presidenciais no próximo domingo, dia 14, veja as secções de voto do concelho de Espinho e confira o local onde irá votar. Não se esqueça que as urnas estarão abertas das 8h às 19h.

ANTA

Secção de voto n.º 1 - Junta de Freguesia (velha) - de 1 a 1713
 Secção de voto n.º 2 - Salão Paroquial - de 1715 a 3224
 Secção de voto n.º 3 - Junta de Freguesia (nova) - cave norte - de 3225 a 4838
 Secção de voto n.º 4 - Junta de Freguesia (nova) - cave sul - de 4843 a 6432
 Secção de voto n.º 5 - Tuna Musical - de 6433 a 7844
 Secção de voto n.º 6 - Associação de Socorros Mútuos - de 7845 a 9162
 Secção de voto n.º 7 - Junta de Freguesia - Salão Nobre - de 9165 a 10409
 Secção de voto n.º 8 - Junta de Freguesia - Biblioteca - de 10410 a 11513
 Secção de voto n.º 9 - Escola Primária da Ponte d'Anta - de A-1 a A-734

ESPINHO

Secção de voto n.º 1 - Escola Primária da Rua 19 - de 2 a 1888
 Secção de voto n.º 2 - Escola Primária da Rua 19 - de 1889 a 3751
 Secção de voto n.º 3 - Escola Primária da Rua 29 - de 3752 a 5515
 Secção de voto n.º 4 - Escola Primária da Rua 29 - de 5516 a 7313
 Secção de voto n.º 5 - Escola Primária da Rua 29 - de 7314 a 9125
 Secção de voto n.º 6 - Escola Primária da Rua 29 - de 9127 a 10945
 Secção de voto n.º 7 - Escola Primária da Rua 29 - de 10946 a 12485
 Secção de voto n.º 8 - Escola Primária da Rua 22 - de 12486 a 13941
 Secção de voto n.º 9 - Escola Primária da Rua 22 - de 13942 a 15164
 Secção de voto n.º 10 - Escola Primária da Rua 22 - de 15165 a 16260
 Secção de voto n.º 11 - Escola Primária da Rua 22 - de 16261 a 16981

GUETIM

Secção de voto n.º 1 - Escola Primária - de 1 a 997
 Secção de voto n.º 2 - Escola Primária - de 999 a 1759

PARAMOS

Secção de voto n.º 1 - Escola Primária da Corredoura - de 1 a 1278
 Secção de voto n.º 2 - Escola Primária da Bouça - de 1282 a 2570
 Secção de voto n.º 3 - Escola Primária da Bouça - de 2571 a 3595
 Secção de voto n.º 4 - Junta de Freguesia - de 3596 a 4161

SILVALDE

Secção de voto n.º 1 - Escola Primária de Silvaldinho - de 1 a 2631
 Secção de voto n.º 2 - Escola Primária de Silvaldinho - de 2632 a 4952
 Secção de voto n.º 3 - Escola Primária de Silvaldinho - de 4954 a 6931
 Secção de voto n.º 4 - Escola Primária de Silvaldinho - de 6932 a 7893
 Secção de voto n.º A-1 - Escola Primária do Bairro Piscatório - de A-1 a A-1267
 Secção de voto n.º A-2 - Escola Primária do Bairro Piscatório - de A-1268 a A-2530
 Secção de voto n.º A-3 - Escola Primária do Bairro Piscatório - de A-2531 a A-3248

"MARÉ VIVA" N.º 1170 - 11.01.01 - SEGUNDA E ÚLTIMA PUBLICAÇÃO

SERVIÇO DE FINANÇAS DO CONCELHO DE ESPINHO

ANÚNCIO

PROCESSO DE EXECUÇÃO FISCAL N.º 0078-31712.2/92 E APENSOS

Daniel Ferreira Dias, Chefe do Serviço de Finanças do Concelho de Espinho, faz saber que no dia vinte e cinco do próximo mês de Janeiro de 2001, pelas 10H30, neste Serviço de Finanças, se há de proceder à venda por proposta em carta fechada dos bens constantes da relação anexa penhorados a HENRIQUES & IRMÃO, LI-

MITADA, residente em Estrada Anta-Espinho, deste Concelho, para pagamento da importância de 121.849.350\$00 proveniente de C.R.S.S. de Aveiro dos anos de 1985/86/87/88/89/90/91/92

BENS PENHORADOS

Um conjunto de moldes em ferro, cujo número de unidades

não é possível determinar com rigor (aproximadamente dois mil), que se calcula pesarem ao todo 50 toneladas.

Os mesmos encontram-se nas instalações da firma VINOCOR - Meladas - Mozelos - Santa Maria da Feira.

Valor atribuído - 750.000\$00.
 Os bens vão à venda por 70%

dos valores indicados na relação. A abertura das propostas far-se-á no dia e hora referidos, pelo que as mesmas terão de ser apresentadas neste Serviço até àquela hora identificando exteriormente o número do processo executivo.

É fiel depositário JOSÉ MANUEL CERDAL DE MELO ABRANTES, residente em Rua 30 n.º 793

- Espinho, o qual mostrará os mesmos a quem esteja interessado, nas condições previstas e a estabelecer, conforme art.º 891.º do CP Civil.

A VENDA DOS BENS ESTÁ SUJEITA A IVA.

São citados os credores desconhecidos, bem como os sucessores dos credores preferentes, para deduzirem os seus direitos, querendo, cujos créditos gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Espinho, 19/12/2000

O Chefe do Serviço de Finanças,
Daniel Ferreira Dias



Coitado do futebol

SP. ESPINHO
1
NAVAL
0

 ESTÁDIO Comendador Manuel O. Violas, Espinho
 ÁRBITRO Elmano Santos (A.F. Madeira)

Sérgio Leite	Yannick
Jojó	Hugo / 88'
Ricardo Martins	Marco Brás
Marafona	Tixier
Nuno Coelho	José Carlos
Armando / 45'	Marinho / 45'
Vitor Covilhã	Valeri
Carlos Miguel	Rui Mendes
Paulão	Wender / 68'
Marcão / 89'	Oliveira
Ali / 70'	Sérgio Lavos
Carlos Garcia	José Dinis
Nuno Santos	Zé Tó
Paulo Serrão	Marco Aurélio / 68'
Aldemir / 70'	Paulo Gomes
Mickey / 45'	Sérgio Grilo
Maciel / 89'	Paulo Raquete
David	Carlos Gomes / 88'
Ido	Pedro Vilela / 45'

GOLOS 1-0 Paulão (45' - g.p.)

DISCIPLINA Cartão amarelo Marco Brás (18'), Oliveira (25'), Marafona (31'), José Carlos (32'), Armando (37'), Valeri (38'), Tixier (40'), Ali (68'), Rui Mendes (73'). **Cartão vermelho** Marco Brás (56'), Tixier (65').

A má posição que a equipa ocupa na tabela classificativa não justifica por si só a fraca exibição que o Sp. Espinho realizou diante da Naval, equipa esta que também pouco ou nada fez para dignificar o espectáculo. Jogos como este não servem para promover o futebol.

Os navalistas desde os primeiros movimentos deixaram claro que a sua intenção principal era defender o nulo, esplanando-se no terreno sempre com nove homens atrás da linha da bola. Com espaço para progredir, o Espinho instalou-se no meio-campo contrário, mas uma vez chegado ao último terço do terreno é que eram elas. Sem soluções os espinhenses limitavam-se a lateralizar a bola, faltando-lhes espontaneidade para entrar na área contrária. Apesar do maior pendor atacante dos locais o guarda-linha Quesnel tinha uma tarde tranquila. A Naval, que estrategicamente se preparou para actuar em contra-ataque, raramente saía do seu meio terreno, mas acabou por lhe pertencer a primeira grande oportunidade de golo quando aos 40' Marinho apareceu isolado perante Sérgio Leite, acabando no entanto por rematar para fora. Até que aos 45', num

lance desenvolvido ao primeiro toque, situação quase rara até então, Marcão foi derrubado pelas costas dentro da área e na marcação da grande penalidade Paulão colocou o Espinho em vantagem.

Para a segunda parte, Carlos Garcia trocou o amarelado Armando por Mickey e o Espinho passou a desenvolver um futebol mais harmonioso. Perante a maior pressão atacante dos "tigres" os forasteiros viram-se obrigados a cometer mais faltas e uma delas foi feita já em plena área. Para a cobrança da grande penalidade voltou a ser chamado Paulão, só que desta vez Quesnel adivinhou-lhe as intenções e evitou o 2-0. No lance da falta Marco Brás acabou por ser excluído, o mesmo acontecendo com Tixier poucos minutos depois. Se antes raramente tinha ensaiado lances de ataque, a Naval desde que ficou reduzida a nove limitou-se a defender. Porém, o Espinho, que ficou marcado com a grande penalidade falhada, perdeu o esclarecimento dos minutos iniciais da segunda parte. Por isso até ao final o jogo arrastou-se sem motivos de interesse. Coitado do futebol! ■



AAE fora da Taça

A equipa de seniores masculinos da Académica de Espinho foi eliminada da Taça de Portugal da modalidade ao ser derrotada, em casa, pelo Óquei de Barcelos, pelo resultado de 2-4. Para a mesma competição, a equipa feminina empatou a três golos com o Marco. Nos campeonatos distritais, a turma feminina derrotou o HC Marco por 2-0 e perdeu com a Nortecoope por um volumoso 2-10. Nas camadas jovens, os juve-

nis empataram a quatro bolas com o FC Porto, os iniciados também empataram a três com o Vila Bo do Bispo e os Infantis A perderam com a mesma equipa por 2-3.

No próximo sábado, os seniores masculinos defrontam o Fama-license, enquanto que a equipa feminina se desloca ao Marco de Canavezes para o desempate do jogo da Taça, e no domingo, para o campeonato, recebe o HC Carvalhos. ■



Espinhenses na selecção

Os academistas Márcio Marques, Pedro Gonçalves, Hugo Gonçalves, Rui Sá, José Catarino, Mário Vieira e Carlos Sá foram escolhidos pela equipa técnica nacional, liderada pelo espinhense José Catarino, para representar a selecção portuguesa no Campeonato da Europa, que se

disputa na cidade suíça de Lucerna de 19 a 21 do corrente mês.

Com sete jogadores a Académica de Espinho é a equipa mais representada na selecção nacional, que na Suíça vai tentar o apuramento para o Campeonato do Mundo, que terá a sua primeira edição em 2003. ■

Futebol juvenil

Derrota júnior com o Boavista

Os juniores do Sp. Espinho receberam e perderam com o Boavista por 1-2. Na primeira parte os espinhenses deram réplica animada aos axadrezados, que raramente conseguiu ganhar superioridade territorial. No segundo tempo, então sim os forasteiros foram mais esclarecidos e acabaram por fazer dois golos em apenas seis minutos. Já perto do fim os "tigres" marcaram e por momentos no ar pairou a possibilidade do empate.

Para o nacional de juvenis o Sp. Espinho foi copiosamente derrotado no reduto do Leixões. Depois de

Ter chegado ao intervalo a perder por um escasso golo, no recomeço da partida os espinhenses tiveram o golo do empate nos pés, mas na jogada seguinte os leixonenses fizeram o 2-0. A partir desse momento o jogo teve um sentido só pode assim construir um resultado volumoso. Para o distrital a equipa B de juvenis foi ao terreno do Vilamaiorense vencer por 2-0.

No escalão de infantis o Sp. Espinho derrotou, em casa, o Lourosa, por 3-1, começando da melhor maneira a segunda fase do distrital. A formação forasteira nun-

ca desistiu de lutar por um resultado positivo e os "tigres" só na parte final da partida garantiram a vitória.

Com o Lamas em casa os iniciados perderam por 2-5. Curiosamente os espinhenses chegaram ao intervalo a vencer por 2-0, mas após o primeiro golo dos lamacenses, marcado no recomeço da partida, o Espinho não mais se entendeu, em particular na defesa.

Em escolas os "tigrezinhos" receberam e bateram o Guizande por 1-0, resultado escasso para o domínio exercido pelos espinhenses. ■

Futebol popular

Árbitro agredido em Paramos

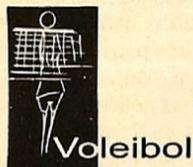
A primeira jornada disputada este ano ficou marcada pela interrupção do jogo Qt.º Paramos-Ág. Paramos por agressões ao árbitro, feitas supostamente por adeptos da equipa da casa quando faltava um minuto para o mesmo terminar e que os visitantes venciam por 2-1. O Rio Largo venceu os Magos por 3-0, enquanto o Cantinho foi fora derrotar o Desp. P. Anta por 5-2. Ainda no grupo perseguidor ao líder os Leões tiveram que sofrer mas acabaram por vencer o Aca-

démico por 1-0. No Ág. Anta-Associação registou-se o único empate (1-1) da jornada.

Na segunda divisão, das equipas instaladas na primeira metade da tabela classificativa todas, à excepção da Lomba, empataram. Assim, o G.D. Idanha, que empatou (2-2) com o Império, mantém seis pontos de avanço para a Juv. Outeiros que com os mesmos números empatou com a Juv. Estrada. Também 2-2 foi o resultado verificado no final da partida G.D. Ron-

da- Est.º Vermelhas. Face a estes resultados, a equipa mais beneficiada na jornada foi a Lomba, que graças à vitória (2-0) alcançada no terreno da Aldeia Nova ficou agora a um ponto do segundo lugar.

Finalmente na 3ª divisão aconteceu um resultado de todo anormal pela quantidade de golos: doze repartido por seis para cada lado. Leões B e Cruzeiro venceram por 3-0 respectivamente os Est. P. Anta e os Morgados. O único empate (1-1) registou-se no B.P. Anta-Corga. ■

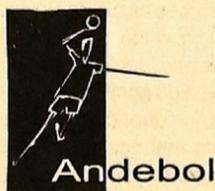


SCE em subida de forma

O Sp. Espinho foi à Madeira vencer o Nacional por 3-1 e mostrou que está a subir de forma agora que se vão começar a definir as posições na luta pelo título nacional. Dominando o primeiro "set" a seu bel-prazer (vitória por 25-18), os espinhenses acabaram por ser surpreendidos pelos insulares no parcial seguinte e perderam por 21-25. Galvanizados os jogadores do Nacional colocaram muita pressão no bloco espinhense e o terceiro parcial decorreu de forma equilibrada, acabando o Espinho por vencer nas vantagens por 26-24. Derrotados os madeirenses claudicaram no quarto "set", que o Espinho voltou a vencer por 25-18.

Para o Nacional A2 houve

derby espinhense, com a Académica a vencer o Clube de Vólei por 3-1. O CVE ainda venceu o primeiro "set", mas depois nunca conseguiu contrariar o serviço agressivo e o bloco dos academistas, que claramente ganharam os três seguintes parciais. Ante o Gueifães, com uma exibição cheia de altos e baixos, a Acad. Espinho venceu por 3-2. Os espinhenses entraram bem no primeiro "set" mas acabaram por claudicar nos dois seguintes. No quarto parcial os academistas voltaram a vencer e carimbaram a vitória na negra por 16-14. Por seu turno o CVE jogou em casa com os Antigos Alunos e perdeu por 2-3. Somando a segunda derrota do fim de semana. ■



'Laranjinhas' vencem fora

A equipa sénior feminina da Associação Desportiva Manuel Laranjeira foi vencer fora a Quinta da Princesa por 18-17.

Numa partida toda ela disputada taco a taco a diferença no marcador foi sempre mínima, mas

a meio da segunda parte as espinhenses conseguiram uma vantagem de três golos. Porém, com duas exclusões temporárias na parte final da partida a formação espinhense quase deixava fugir o triunfo. ■

Histórias da "Gazeta"

O jornal como arma política

No seu primeiro número, a "Gazeta de Espinho" anunciava-se como não tendo nascido da política, nem pretendia viver dela, desejando defender os interesses e o progresso da comunidade. Mas, de facto, não foi isso que aconteceu! É verdade que fez um esforço noticioso, revelou opiniões, deu a conhecer nomes relevantes para a imprensa espinhense, mas teve sempre uma função política, desde o seu aparecimento, em 1901, até se finar, na década de trinta, após muitas peripécias e confrontos de posições. Não se poderá, em nossa opinião, fazer uma leitura correcta sobre o papel deste semanário sem um enquadramento político, sem uma tentativa de descodificar e de procurar perceber o que estaria por detrás, como principal motivação.

A liás, as correntes dominantes, no início do século XX, não entendiam a imprensa como um difusor neutral de informações, mas como um agente formativo e esclarecedor, como um contributo para moldar opiniões e preparar as consciências individuais, para os desafios de uma nova era. A "Gazeta de Espinho" não fugiu a essa regra, apareceu para defender a autonomia do concelho, face aos sucessivos ataques da Feira, município despeitado por lhe ver fugir uma das freguesias mais rentáveis. Aqueles que fundaram o jornal foram os mesmos que estiveram na base da independência administrativa, nomeadamente alguns dos sócios da Fábrica de Conservas e outras individualidades, caso do médico Joaquim Pinto Coelho, que é considerado a grande figura da "Gazeta", apesar de só aparecer como director anos depois e só ser anunciado como seu fundador no número que noticia a sua morte (n.º 834, de 4/3/1917).

A vida da "Gazeta", publicada em duas séries (1901/1917; 1924/1931), pode ser estruturada em diferentes fases, todas elas pautadas por diferentes contextos políticos: a unanimidade em torno da defesa do concelho (1901/1905); o eclodir da luta pelo poder local (1905/1907); a adesão frontal à causa republicana (1907/1917); a instabilidade político-social em tempo de guerra (1917/1919); o nascimento de uma nova geração (1924/1927); a agonia em clima de ditadura (1927/1935).

UMA IDEIA COMUM

Em 1901, os ataques ao concelho de Espinho sucediam-se, a causa da Feira alegava incapacidade financeira do novo município e preparava-se para apresentar, na Câmara dos Deputados, um projecto de extinção. A "Gazeta" surge, deste modo, como uma resposta directa, um conjugar de esforços em torno de uma ideia. "Hoje os inimigos de Espinho urdem à surdina maquiavélicos projectos para derruir a nossa independência. Mordidos de torpe inveja, ejaculam o danoso vírus da maledicência; inventam, deturpam, intrigam, mentem e caluniam (...). Confronte-se agora esta conduta criminosa com a escrupulosa

gerência de um município que se inicia assoberbado de crises e dificuldades de ocasião, e que fala apesar de tudo, pela eloquência esmagadora dos números que dão saldo aproximado de um conto de réis" (13/1/1901).

A par de uma série de artigos deste teor (que se supõem escritos por Pinto Coelho) e da correspondência dos arredores, pretexto para as freguesias vizinhas derramarem sucessivas queixas contra a Feira, aparecem nas três páginas úteis (já que a quarta era reservada à publicidade) pequenas notícias, transcrições de diários do Porto e colunas de opinião (em regra sem assinatura), sem nunca se mencionar o cargo de director, mas apenas o de editor (Joaquim de Oliveira Reis e João José Ferreira foram os dois primeiros). São inevitáveis os folhetins em episódios (o primeiro chamava-se "A Estalagem dos Três Enforcados" e era da autoria de Erckman-Chatrian) e chama a atenção a colaboração do Padre André de Lima, que assina, a partir de 1903, a série semanal "Espinho - Breves Apontamentos para a sua História" (interrompida sem justificação formal), bem como o conjunto de quinze artigos sob o título "Abastecimento de águas de Espinho", sobre os principais problemas da localidade e que apesar de não estarem assinados, são atribuídos ao engenheiro Bandeira Neiva, autor da planta topográfica aprovada pelo primeiro executivo e patrono toponímico da actual Rua 23.

A LUTA PELO PODER

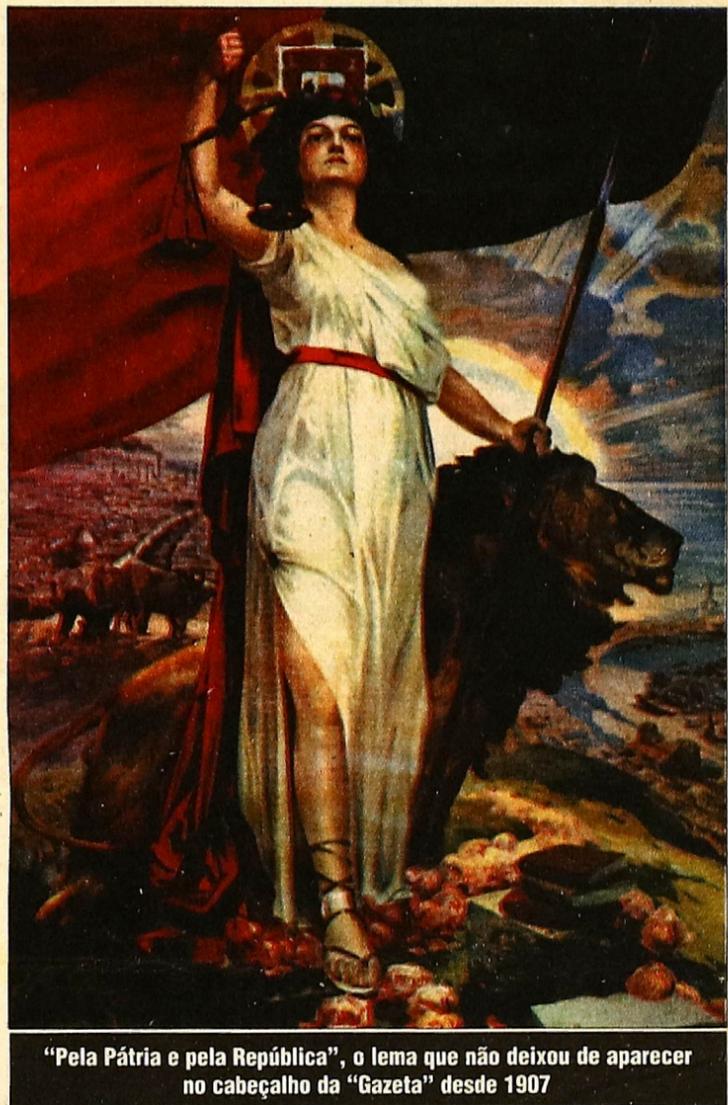
Este clima de consenso manteve-se nas eleições locais de Novembro de 1901, quando foi escolhido um novo elenco camarário, sem opositor, presidido por Pinto Coelho, mas quebrou-se quando se chegou ao término do mandato (com a duração legal de 3 anos). A Fábrica de Conservas tinha poder económico e político suficientes para pretender dirigir os destinos do concelho, sem outras interferências, pelo que escolheu um dos seus gerentes para novo presidente (Henrique Brandão), alinhando com o Partido Regenerador, a facção de direita do sistema bi-partidário das últimas décadas da Monarquia. Pinto Coelho

posicionava-se do outro lado, mas continuava a controlar o jornal, num percurso que vai desde a colagem ao Partido Progressista (a facção de esquerda do sistema), à simpatia pelo grupo de dissidentes desta força (liderado por José de Alpoim), até à entrada definitiva no Partido Republicano (em 1907), passando a "Gazeta" a funcionar com órgão oficial dos opositores ao regime e a existir no cabeçalho o nome do seu director de sempre. "Quando o dr. Pinto Coelho fez a sua adesão ao Partido Republicano, alguns anos antes do advento da República, passou a "Gazeta de Espinho" a ter por lema "Pela Pátria e Pela República", e dessa forma obrigou a parte contrária, conhecida pela designação de Grupo da Fábrica, a sair com vários periódicos de vida efémera, como, por exemplo, o "Defensor de Espinho" e o "Defensor" (...) e ainda "A Razão" (...), substituída em 1 de Setembro de 1910 pelo "Jornal de Espinho", do qual se publicaram seis números, sendo o último no dia 6 de Outubro de 1910; isto é, terminou com a queda do regime que defendia. Passaram anos sem termos outro periódico além da "Gazeta de Espinho" que, por esse motivo, albergou no seu seio todos os plúmbeos locais que nessa data apareceram". (Mário Valente, no artigo "A Imprensa em Espinho", publicado na revista "Espinho Ilustrado" - 1931).

VENTOS DE MUDANÇA

Apesar da morte de Pinto Coelho, em 1917, o jornal manteve-se fiel ao Partido Democrático (principal cisão do velho Partido Republicano, liderada por Afonso Costa), mas teve de enfrentar a concorrência de outros dois semanários: "A Beira-Mar", afecta ao Partido Evolucionista (chefiado por António José de Almeida), e o "Oceano" (dirigido por um grupo de jovens independentes, entre os quais se contavam os fundadores e dirigentes do Sporting Clube de Espinho).

A vida política local sofre os resultados da entrada de Portugal na Grande Guerra, esbate-se face aos graves problemas sociais e reflecte a instabilidade sentida em todo o País. A "Gazeta" continua fiel aos seus ideais, faz uma luta cerrada à Câmara Municipal quando esta é conquistada pelo comerciante Manuel Joaquim Simões Pedro (afecto ao Grupo da Fábrica), combate a ditadura de Sidónio Pais e o golpe monárquico de PaivaCouceiro, o que lhe valeu ter sido encerrada durante cerca de dois meses. Em 1919, com o regresso do Partido Democrático e dos aliados ao Governo do País, realizam-se novas eleições autárquicas. A situação seria de tal forma adversa que os conservadores espinhenses não concorrem, tendo a Câmara sido conquistada pelos Democráticos, à frente dos quais se encontrava outro médico, José Salvador, apoiado por uma série de jovens, os mesmos que já tinham deixado cair "O Oceano", mas continuavam à frente do



"Pela Pátria e pela República", o lema que não deixou de aparecer no cabeçalho da "Gazeta" desde 1907

movimento associativo (o Sporting, os Bombeiros Voluntários, os grupos de amadores teatrais). Entretanto, naturalmente por razões económicas, a "Gazeta" encerra a sua 1.ª série e Espinho fica servido por títulos de curta duração (caso do "Alma Nova").

A NOVA GERAÇÃO

Em Novembro de 1922, José Salvador recandidata-se a Presidente da Câmara e ganha confortavelmente aos conservadores, de novo comandados por Simões Pedro. Este não perde tempo e funda um jornal, "O Reformador", com meios suficientes para combater o poder local dos Democráticos, sem perder de vista a qualidade gráfica, dando-se ao luxo de publicar, de vez em quando, algumas fotografias. É assim que nasce a 2.ª série da "Gazeta de Espinho", agora para defender o grupo de José Salvador e continuar a servir como arma de arremesso no combate político.

Durante esta fase, e apesar do carácter vincadamente militante, o jornal revela nomes que ficam na história da Imprensa de Espinho. O Padre André de Lima volta com uma segunda edição dos seus "Breves apontamentos..." (também interrompidos sem explicação), mas são outros os autores de destaque: José Martins da Silva (que assina sob o pseudónimo de João do Norte) escreve os saborosos "Ecos da semana"; Alberto Barbosa (conhecido por "Beka" e autor de revistas teatrais)

lança em força a sua "Gazetilha", crónica em verso que haveria de durar; Mário Valente (parceiro daquele nas lides teatrais) assina "O tempo e o mar", coluna muito irónica com destinatários certos; Alberto Valente (antigo guarda-redes do Sp. de Espinho e futuro jornalista de "A Bola") é responsável pela "Secção Sportiva"; Manuel Rosado e Joaquim Moreira da Costa (apesar de vereadores) ajudam em secções indiferenciadas, da coluna social aos editoriais.

Com a instauração da ditadura militar em 1926 e a morte prematura de José Salvador em 1927, a "Gazeta" entra na sua curva descendente, o sistema político põe de lado as eleições e instala uma censura apertada. A partir de 1928 começa a sair irregularmente, opta por publicar um número por ano para manter o título, mas desaparece, definitivamente, em 1935.

Com altos e baixos, constitui, inevitavelmente, uma referência na história de Espinho. É claro que não soube, nem quis, fugir ao apelo da política, como anunciava no seu primeiro número, serviu interesses, criou opiniões, contribuiu, certamente, para a evolução do concelho, obedecendo a uma lógica natural das coisas. Não envergonha ninguém, faz parte da memória colectiva e ajuda a compreender o passado. Por isso tudo, vale a pena recordar o seu centenário! ■